

A expressividade sígnica no rádio – análise de uma reportagem da Band News FM¹

Sandra Sueli Garcia de Sousa²

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Resumo

O presente artigo discute os elementos sígnicos do rádio a partir de uma reportagem veiculada em 2009 pela emissora BandNews FM de Brasília. A reportagem discute o perigo do trânsito para quem trabalha diariamente trafegando em uma motocicleta e precisa cumprir metas de tempo. Neste exemplo, verificamos toda a carga expressiva do rádio como o uso da fala, de elementos sonoros e da música, principalmente. A intenção é apontar o uso desses códigos e como os mesmos podem ajudar a deixar as reportagens mais “vivas” para o ouvinte. A análise se pautará na forma e no conteúdo da reportagem e baseia-se na Semiótica da Cultura e em autores do universo radiofônico.

Palavras-chave:

Radiojornalismo; reportagem; semiótica da cultura; elementos sonoros.

Introdução

No processo de apuração e edição de uma reportagem radiofônica vários elementos são levados em conta a partir da construção da pauta: as entrevistas são as protagonistas, mas há também o uso de outros elementos sonoros que ajudam a compor melhor o material (efeitos sonoros, música, silêncio, ruídos). A linguagem radiofônica, portanto, é formada por um sistema de signos que ao entrar em contato com o ouvinte é recebido como um texto único.

A proposta desse artigo é apontar o uso desses elementos a partir de uma reportagem especial sobre a ação dos motociclistas no Distrito Federal. A reportagem em questão foi veiculada em 2009 numa série especial sobre o trânsito. Tivemos acesso a uma única reportagem e a partir dela, discutimos os elementos sonoros que contribuem para levar a mensagem ao ouvinte de forma que haja uma vivência mental com os enunciados em questão. Para embasar o artigo, recorreremos à Semiótica da Cultura com Irene Machado, em especial, por ser uma das principais autoridades sobre o assunto no Brasil, além de autores do universo radiofônico entre outros Balsebre (2005) e Ferraretto (2014).

¹ Trabalho apresentado no DT 04, GP Rádio e Mídia Sonora, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este trabalho tem o apoio da Fapemig, Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professora na Universidade Federal de Uberlândia, curso de Comunicação Social – Jornalismo. Email: sandragarc@gmail.com

O universo sóico da Semiótica Russa ou Semiótica da Cultura

A Semiótica da Cultura ajuda a compreender a noção de linguagem a partir de um sistema de signos estruturados. De acordo com Irene Machado, “onde houver linguagem, haverá texto” (2013). A autora explica a noção de texto dizendo ser ele “um complexo dispositivo que guarda variados códigos, capazes de transformar as mensagens recebidas e de gerar novas mensagens” (MACHADO, 2003, p. 169). O texto assim não deve ser entendido apenas como linguagem, vai além: “É um mecanismo semiótico gerador de sentidos (...). O texto é um espaço semiótico em que interagem, se interferem e se auto-organizam hierarquicamente as linguagens como “dispositivos pensantes” ou, melhor, como dispositivos dialógicos” (MACHADO, 2003, p. 169).

Esse é novo domínio que definiu o campo da abordagem semiótica da cultura. Lótman acredita que, quando se parte para o estudo do texto em sua relação com a linguagem, encontra-se a natureza mesma do texto, ou seja, seu caráter codificado. Ao tomar consciência de algum objeto como texto, estamos supondo com ele que está codificado de alguma maneira. Reconstruir tal codificação é tarefa da investigação semiótica (MACHADO, 2003, p. 169).

Nesse sentido, partindo-se do pressuposto que a reportagem radiofônica é um texto codificado a partir de justaposição da fala, dos efeitos sonoros, dos ruídos, da música e do silêncio (cada um deles, um texto em si), propomos a decodificação da reportagem, objeto deste artigo, como forma de entender seu pleno significado. Para isso, é necessário falar dos sistemas modelizantes que nada mais são do que uma organização dos signos para melhor compreensão dos mesmos.

A língua é o sistema modelizante primário por ser a partir dela que os outros sistemas se criam e estes são, assim, secundários. Mas Irene Machado observa que não é por conta de uma hierarquia e sim de uma “tensão entre logosfera [espaço da palavra, dos significados] e semiosfera” (MACHADO, 2009).

"semiosfera" constitui o conjunto de informações geradas e acumuladas pelo homem ao longo dos milênios, por meio de sua capacidade imaginativa, ou seja, de narrativizar aquilo que não está explicitamente encadeado, capacidade de inventar relações, de criar textos (em qualquer linguagem disponível ao próprio homem, seja ela verbal, visual, musical, performático-gestual, olfativa) (BAITELLO JR, 1997, pp 37-38).

É na semiosfera, portanto, que a cultura se desenvolve. Devemos entender a noção de cultura na Semiótica Russa de maneira ampla, pois a partir do momento em que o

homem passa a narrativizar o mundo, conforme Baitello (1997), a cultura passa a existir, o texto cultural começa sua trama.

Desta forma, percebemos a reportagem radiofônica como um objeto textual passível de dialogar com o ouvinte ao ser montada com amplo uso dos elementos sonoros. Estão lá os códigos sonoros tais como efeitos, vozes, música que juntos compõem um texto único (a reportagem).

A significação da linguagem radiofônica é determinada por um conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes. Assim, o processo de percepção radiofônica tem importância primordial na configuração semiótica da linguagem radiofônica e se fundamenta na codificação e decodificação das formas sonoras e não-sonoras constituintes da mensagem. Portanto, a mensagem radiofônica nada mais é do que um ouvinte entendendo ou interpretando uma mensagem (SANTOS, 2014, p. 26).

Para Ana Paula Machado Velho (2005), a voz, em conjunção com outros signos sonoros, incluindo o silêncio, são os responsáveis pela “modelização das mensagens no rádio”, diz a autora: “A palavra propõe o conteúdo do fato transmitido, enquanto o ruído, a música e o silêncio ambientam e oferecem ao ouvinte a sensorialidade” (VELHO, 2005, p. 04), por conta disso:

A teoria semiótica, então, vai nos possibilitar enxergar esses contornos de organização únicos e nos habilitar a determinar uma gramática para as expressões do rádio, entre elas, o radiojornalismo; isto é, a semiótica conduz a sistematizar a utilização dos elementos da mensagem jornalística no rádio, respeitando as especificidades dos vários gêneros e formatos. E mais importante: nos ajuda a enxergar a estrutura do modelo de linguagem do rádio, numa perspectiva estrutural (VELHO, 2005, p. 05).

Os elementos expressivos do rádio é que fazem que uma mensagem radiofônica tenha uma carga que represente a realidade concreta ou algo abstrato, subjetivo. Nesse sentido, quanto mais se usar a voz, os efeitos sonoros, a música e o silêncio mais se alcança o ouvinte de maneira completa e duradoura. Uma das formas de expressão da mensagem radiofônica é com a reportagem.

A reportagem no rádio

Em qualquer tipo de jornalismo praticado, seja em qual meio for, a reportagem será sempre valorizada por conta do aprofundamento da informação. Espera-se, nesse formato, uma interpretação aprimorada dos fatos. Para Janine Luch (2009), a reportagem radiofônica pertence ao gênero informativo:

É o material elaborado pelo repórter, com duração de 3 a 5 minutos geralmente composto pela cabeça ou lide da matéria lida pelo autor, seguido de sonora do entrevistado (ou várias inserções intercaladas com a fala do repórter) mais as ilustrações do palco de ação, ou seja, de sons do local onde ocorreu o fato. Por exemplo: palavras de ordem proferidas durante passeata, barulhos de sirene numa perseguição da polícia, etc. (LUCH, 2009, p. 64)

Uma forma melhor de aprofundar um assunto é com o uso das grandes reportagens que são produzidas com mais tempo e ganham em qualidade na construção de sua estrutura narrativa.

Também conhecida como reportagem especial ou reportagem em profundidade, a grande reportagem constitui-se em um meio-termo entre a reportagem comum, aquela do dia a dia, e o documentário. Aparece como ampliação quantitativa e, muito mais profundamente, qualitativa do trabalho usual e cotidiano corporificado nos boletins dos repórteres de uma emissora de rádio. Não chegando a ter a abrangência de um documentário, adentra o terreno do jornalismo interpretativo (FERRARETTO, 2014, p. 167).

O autor complementa afirmando que a grande reportagem pode também “se aproximar do gênero diversional” (FERRARETTO, 2014, p. 167). Nesse caso, prossegue Ferraretto, a narrativa sonora pode valer-se de “um texto mais literário, ao qual se juntam os recursos de sonoplastia próprios do rádio. Nesse processo, então, há uma possível mistura de jornalismo e dramaturgia” (FERRARETTO, 2014, p. 167).

Armand Balsebre (2005), ao falar da montagem radiofônica, afirma que o procedimento cria um novo conceito de real: a realidade radiofônica. As características da percepção radiofônica farão com que esta realidade radiofônica seja “mais real” que o “real”, explica-se: a recriação da realidade conserva seus contornos sonoros, mas constrói ao mesmo tempo uma realidade distinta da materialmente real, alterando as dimensões espaciais e temporais. Embora o jornalismo radiofônico priorize a voz, é possível e é preciso o uso dos demais elementos expressivos da linguagem no rádio, como forma de trabalhar o que Balsebre (2005) chama de “dramaturgia da realidade”.

Uma reportagem sonora

A BandNews FM é uma rede de rádios que faz parte do grupo Bandeirantes de Comunicação. A rede funciona 24 horas por dia e está presente em capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador, Fortaleza e no Distrito Federal.

“A BandNews FM é a primeira rede de emissoras só notícia e só FM. Com plástica moderna, leva ao ar um jornal completo a cada 20 minutos, 24 horas, num formato inovador.”, informa o site da emissora³.

Segundo pesquisa de Juliana Betti (2009), a BandNews FM foi a primeira emissora brasileira a funcionar apenas em FM no formato *all news*:

(...) possui outra característica diferencial: a estrutura do fluxo de sua programação, descrito em seu slogan “*em vinte minutos, tudo pode mudar*”. Sob esta premissa, os noticiários vão ao ar em ciclos de 20 minutos continuamente, totalizando 72 entradas diárias (BETTI, 2009, p. 123).

Ser uma emissora dinâmica e oferecer uma grande carga informativa ao ouvinte estão entre as metas da BandNews FM (BETTI, 2009).

A seguir, transcrevemos a reportagem de Victor Abreu, que foi ao ar em 2009 pela BandNews FM do Distrito Federal, como uma das reportagens especiais que fez alusão a Semana do Trânsito naquele ano.

REP: Um frango xadrez pra dois com suco de laranja e sobremesa. O tempo de entrega é de aproximadamente de 30 minutos, ok? (som de motocicleta partindo)

ENTRA MÚSICA E VAI A BG

REP: A corrida contra o tempo começa quando o atendente desliga o telefone, mas quem trabalha na cozinha não pode atrasar porque qualquer demora aumenta o risco de quem faz a entrega.

MOTOBOY EDGAR: A gente tem que tá pronto aí no máximo em quinze minutos pra gente poder entregar num tempo bom pro cliente. Se o pedido já sai atrasado pra gente a gente tem que sair o mais rápido possível.

REP: A vida com olho no relógio é a rotina de Edgar Arouco há oito anos. Pra garantir a comida quente e um tempo bom é preciso sorte e habilidade sobre duas rodas. E foi o que comprovamos ao embarcar na moto do Edgar.

SOM DE MOTOR DE MOTOCICLETA

REP: Olha a gente tá com uma entrega aqui na QE 10 do Guará I, em cima da moto aqui, vê se a gente consegue entregar dentro do tempo. O Edgar falou que a gente vai levar mais ou menos 12 minutos. Olha a gente chegou aqui pelo visto, a gente chegou dentro do tempo.

³ Disponível em: <http://www.band.uol.com.br/grupo/historia.asp>. Acesso em 03 de julho de 2015.

MOTOBOY EDGAR: O tempo foi bom né? A gente chegou...nós levamos 8 minutos, 10 minutos mais ou menos, pra chegar aqui até o local da entrega. O prazo tá bom.

REP: É isso mesmo, vamos ver o que é que o cliente acha né? O que que você achou do pedido, chegou na hora?

CLIENTE: Chegou.

REP: Você achou que o cara ia demorar, como é que foi?

CLIENTE: Não, eles até ligaram pra confirmar o endereço e tudo, foi bem rápido.

REP: Mal acaba de deixar a primeira refeição e segue viagem com outro prato. O próximo pedido é pra onde?

MOTOBOY EDGAR: É na rua do Jockey que a gente vai agora. (Som de zíper fechando pacote). A gente vai gastar aí uns 13 a 15 minutos pra chegar lá, mais ou menos. Vamo lá!

REP: Pelo que vi aqui a gente gastou...nove minutos e aí, o tempo tá bom?

MOTOBOY EDGAR: Tá bom, tá ótimo né?

REP: Você acha que o cliente vai falar o quê?

MOTOBOY EDGAR: Ah ele vai ficar satisfeito, né? Que tá chegando rápido né? A alimentação aí na sua casa, quente né?

REP: Tô esperando ele abrir a porta aqui. Tudo bem? Boa noite, Victor Abreu da rádio Band News FM. Demorou ou não, o que o senhor achou?

CLIENTE: Não, não demorou não. Foi tranquilo, pessoal tá sempre chegando junto aqui da melhor qualidade.

REP: E aí Edgar...

MOTOBOY EDGAR: Ah tranquilo né? A gente fica feliz né? Porque o cliente tá reconhecendo nosso trabalho né? Dando importância ao nosso trabalho, a gente fica muito contente com isso aí.

REP: Mais uma corrida concluída com sucesso, mas nem sempre é assim. No primeiro semestre de 2012, cinquenta e um motociclistas morreram em acidentes nas pistas do DF. Os que sobrevivem aos acidentes carregam sequelas e traumas:

MOTOBOY EDGAR: Um amigo meu uma vez sofreu um acidente aqui no Guará, nesse caso dele aí o motorista do ônibus avançou o sinal, ele morreu na hora. É sempre triste né? Perder um amigo assim né? Ainda mais que a gente sempre trabalha junto aí todo dia. Uma vez eu perdi o controle né? da moto na curva, bati no poste, quebrei o braço.

REP: Pra trabalhar no delivery como o serviço também é conhecido é preciso ter a própria moto, ser habilitado e conhecer bem a região em que vai trabalhar. De acordo com o

Detran, o Distrito Federal tem mais de 150 mil motocicletas. Do total, 45 mil são usadas por motoboys. Apesar dos perigos, os que andam de moto carregam consigo uma paixão pela adrenalina sobre duas rodas.

MOTOBOY EDGAR: É o risco grande de estar aí trabalhando de moto com esse trânsito tudo... mas moto, né? Cara é pra quem gosta mesmo.

ENTRA MÚSICA – REFRÃO DE BORN TO BE WILD VAI A BG

REP: De Brasília, Victor Abreu Band News FM, em 20 minutos tudo pode mudar.

SOBE SOM – CORTA.

Construção do texto sonoro, reportagem em foco

Notemos que a reportagem transcrita insere-se no tipo de reportagem ação (*action-story*) da qual falam Ferrari e Sodré (1986). Esse tipo de reportagem:

(...) objetiva envolver o leitor em sua descri o. Em muitas situa es, o repórter participa da narrativa, deixando de ser apenas um observador. Quando o jornalista se passa por outra pessoa para obter informa es ou quando está presente em filmagens de momentos que oferecem perigo tem-se justamente casos em que ele   personagem da narrativa (FERRARI; SODRÉ, 1986, p. 45).

O repórter Victor Abreu para apresentar o trabalho do motoboy e mostrar as estatísticas de acidentes que envolvem a profissão vai junto com Edgar (motoboy personagem de toda a o). Nesse momento, a reportagem ganha ares descritivos trazendo o cenário do trabalho do motoboy e como o trabalho é feito. Ao participar da narrativa, percebe-se um ganho de sonoridade na reportagem. Conforme vimos, estão l : a voz do repórter e seus entrevistados, os sons ambientes (rugido do motor da moto, som de trânsito das ruas), músicas que ajudam a imaginar o cenário urbano e uma música que remete aos motociclistas (*Born to be wild*).

No decorrer da reportagem, o ouvinte é levado a acompanhar a entrega de alimentos pelo motoboy Edgar Arouca. O repórter induz o ouvinte a acompanhar algumas viagens do profissional, pois sobe com ele na garupa e conta o tempo que leva entre uma entrega e outra. O som do motor leva o ouvinte a imaginar o cenário de pressa e velocidade, é o uso do ruído na reportagem, um som ambiente que expressa um significado: É o som do motor que está ligado ao som de qualquer motocicleta que circula velozmente na cidade. Além disso, as vozes são de falas rápidas como que a dramatizar a situa o da motocicleta nas

ruas de Brasília e falas rápidas porque tem pressa, precisam logo terminar as frases para seguir adiante.

Sem trilha definida, o motoboy abre picadas na selva pavimentada. Buzina, se atravessa. Quando irritado, chuta o retrovisor e cospe no motorista. "Às vezes, a única maneira de ele encontrar uma identidade é sendo provocador. Ele assume essa postura transgressora para ser visto, porque ele precisa ser ouvido também", avalia [Alex de] Toledo. O dedo acusador aponta para o motoqueiro estressado, mas a pressa é de quem? De quem fez o pedido. Do ponto A ao ponto B, o motoboy corre para satisfazer um desejo, uma fome, uma conquista de outra pessoa que não ele. "No fundo, quem acelera a moto é a própria sociedade, que induz o crescimento e a atuação dessa atividade", provoca [Ricardo] Barbosa, especialista em mobilidade (BRITTO, 2015).

Diante disso, ao ouvir a reportagem não estamos apenas ouvindo um ensurdecedor ronco de motocicleta: ouvimos o repórter explicando como ocorre na rua a prática da profissão de motoboy; ouvimos o motoboy falando do tempo que deve ser cumprido; ouvimos do perigo que é conduzir uma moto em alta velocidade. E não ouvimos o silêncio. Na montagem da reportagem radiofônica não houve uso do silêncio, talvez porque o silêncio não faça parte do trabalho do motociclista que o tempo todo se depara com ruídos de todos os tipos na condução de sua moto.

A música, por outro lado, foi um elemento muito bem utilizado na edição. A principal está no fim da reportagem: *Born to be wild* (nascido para ser selvagem) é uma música de grande sucesso da banda de rock *Steppenwolf*, além disso, é a música tema do filme clássico "Sem Destino" e serve para finalizar as últimas falas da reportagem quando o repórter faz menção à adrenalina que envolve a profissão de motoboy e o motoboy afirma que "moto é pra quem gosta".

Nesta reportagem, percebemos que há amplo uso dos elementos sónicos que compõem a mensagem radiofônica.

No rádio, a palavra propõe o conteúdo racionalizado, enquanto o ruído, a música e o silêncio mexem com a estrutura emocional do ouvinte, são responsáveis por "transportar" o receptor ao "clima", ao cenário do acontecimento, proporcionando a chamada criação de imagens mentais (VELHO, 2005, p.05).

A reportagem da Band News FM consegue contar uma história com o uso de poucos personagens, alguns dados estatísticos e mostra no fim que a vida do motoboy embora carregada de velocidade, tem uma carga de aventura e romantismo que muitas vezes pode ser fatal.

Em relação ao tempo, a reportagem em sua totalidade traz a marca temporal: é uma reportagem que traz o signo da velocidade. Os enunciados “o tempo de entrega”, “corrida contra o tempo”, “não pode atrasar”, “vida com olho no relógio”, etc. levam ao ouvinte a experimentar a importância do fator tempo no trabalho do motoboy. Tempo este, diga-se de passagem, que tem estreita relação com Chronos, o deus do tempo que devora seus filhos, de acordo com a mitologia grega (CHEVALIER, 2002). Embora queiramos todos vencer o tempo, não estaríamos, na verdade, sendo devorados por ele?

Além disso, ao final da reportagem, com a assinatura do repórter, somos novamente estimulados a pensar na velocidade linear do tempo porque “em 20 minutos tudo pode mudar”, é o mote da emissora. Logo o ouvinte terá acesso a outro fato, outra reportagem que o fará navegar sonoramente em outros espaços e tempos...

Considerações Finais

Ao analisarmos a reportagem sobre a profissão dos motoboys identificamos claramente o uso dos elementos sonoros tão discutidos nos estudos radiofônicos. Percebemos que construir uma reportagem com ampla utilização da voz, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio é possível, mas é mais fácil e adequado nas grandes reportagens, já que estas admitem um tempo maior de produção.

Para tanto, é imprescindível uma carga de sensibilidade para que o repórter, ao apurar uma pauta, possa gravar determinados sons que ajudem na composição sonora do material. Em muitas emissoras, a edição é feita pelo próprio repórter, então caberia a ele ou ao editor, se for o caso, trabalhar com o material bruto trazido da rua de forma a compor uma narrativa sonora da reportagem que priorizasse não apenas a voz dos entrevistados, mas também os outros elementos. Dessa forma, os códigos sonoros seriam juntados formando assim o texto cultural com toda sua carga de significados aos ouvintes.

Balsebre (2005, pp.329-330) considera que todos “os recursos expressivos fundamentam o sentido simbólico, estético e conotativo da linguagem radiofônica”. Por conta disto, é necessário ao profissional do meio saber equilibrar a dialética presente entre forma/conteúdo, previsibilidade/originalidade e informação semântica/ informação estética.

A audição radiofônica e não necessariamente apenas a ficção dramática ou do ritmo musical de um “disc-jockey”, mas também de um programa informativo pode causar uma verdadeira emoção estética, reutilizando assim a linguagem radiofônica como um autêntico instrumento de comunicação e expressão (BALSEBRE, 2005, p. 330).

Em relação ao conteúdo da reportagem analisada, percebe-se ali o diálogo intenso com arquétipos cruciais a nossa cultura: o tempo que nos esmaga; a explosão e exploração de uma profissão de jovens de baixa renda e que sofrem preconceito de toda a sociedade - embora, conforme a reportagem da TAB (# 37, 2015), é essa mesma sociedade que alimenta a profissão de motoboy por querer suas encomendas em seu destino rapidamente.

O conteúdo da reportagem da BandNews FM procura assim humanizar a profissão e mostrar, por meio da atuação de um motoboy como é sua rotina e os perigos que estão na rua. Ao ouvir a reportagem, vivencia-se imgeticamente o que é ser um motoboy, e se depara com a velocidade, o perigo e a aventura que fazem parte da profissão. Mas é um contato de pouco mais de três minutos, tudo precisa ser rápido, pois se em vinte minutos tudo pode mudar, logo vem outro assunto, outra reportagem, outra sensação a levar o ouvinte a um outro tempo e espaço. Sem dúvida é um texto que fala da cultura do tempo presente, de uma sociedade midiática que valora o tempo a cada segundo, seja ele bem vivido ou não.

REFERÊNCIAS

BALSEBRE, Armand. **A linguagem radiofônica**. In: Meditsch, E. (org.). Teorias do Rádio, textos e contextos, vol. I. Florianópolis: Insular, 2005.

BETTI, Juliana Cristina Gobbi. **A especificidade das redes de rádio all news brasileiras – o caso da CBN e da BandNews FM**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

BRITTO, Marco. **Feios, sujos e malvados**, edição 37. Disponível em: <http://tab.uol.com.br/motoboys/>. Acesso em 14 de julho de 2015.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: José Olympio, 2002.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARI, Maria Helena e SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

LUCH, Janine Marques Passini. **Gêneros Radiojornalísticos – análise da Rádio Eldorado de São Paulo**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, São Bernardo do Campo: Umesp, 2009.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica – A experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

_____. **Concepção sistêmica do mundo: Vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura.** In: Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso, vol. 08, no. 02, 2013. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16400>. Acesso em 30 de Julho de 2015.

SANTOS, Guilherme William Udo. **Elementos do radioteatro presentes no radiojornalismo e na publicidade radiofônica.** Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação de Comunicação e Cultura Midiática, Universidade Paulista: São Paulo, 2014.

VELHO, Ana Paula Machado. **A semiótica nas salas de aula de radiojornalismo.** Trabalho apresentado no Núcleo de Semiótica da Comunicação, IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1545-1.pdf> . Acesso em 20 de julho de 2015.